

Badaladas

JORNAL DA CATEQUESE

Igreja da Santíssima Trindade (Paróquia de Santa Maria) | Diretor: Pe. José Dionísio | Preço: 1,00 Badaladas

abril | 2019

Editorial

Cristo Ressuscitou, Aleluia! Aleluia!

A Páscoa é a grande festa dos Cristãos, em que celebramos a Ressurreição de Cristo, a passagem da morte para a vida. O Tríduo Pascal inicia-se com a Última Ceia de Cristo, também denominada de a Ceia do Senhor, prolonga-se na Sexta-Feira Santa, com a Paixão e Morte de Cristo, continua pelo Sábado Santo, um dia marcado pelo silêncio e ausência de liturgia, para ter o seu ponto alto na Vigília Pascal continuada na alegria do Domingo de Páscoa. Nesta Vigília, acompanhados de sinos, cantamos o Aleluia Pascal.

O Tríduo Pascal é oportunidade que temos para aproveitar ao máximo, para aprofundarmos a nossa Fé na relação com Cristo e no cumprimento dos compromissos que daí advêm.

Neste período mais longo de Catequese tivemos algumas festas como a do Acolhimento, da Vida, da Palavra, da Esperança e das Bem-Aventuranças.

Mas no jornal ainda poderá ler toda a simbologia inerente à Páscoa, a importância do perdão e Simão de Cirene, além de alguns passatempos. O dia do Pai, dia de S. José também vem como destaque no nosso jornal, tal como o habitual cantinho do Papa Francisco.

Até ao próximo número e boas leituras.

A equipa da Catequese

Nesta edição:

- Festas da Catequese;
- A caminho da Páscoa;
- Acerca de alguns símbolos da Páscoa;
- Vigília Pascal: símbolos e significado;
- Eu, de Cirene;
- No dia do pai: instruções precisam-se!
- A importância do perdão
- Passatempos;
- O "Cantinho" do Papa: "Que o Senhor não nos encontre frios e indiferentes".

Comunidade em Festa



Festa do Acolhimento

No passado dia 20 de janeiro celebrámos a festa do Acolhimento na Igreja da Santíssima Trindade.

As doze crianças do primeiro ano da catequese viveram, neste dia, um momento especial de celebração em comunidade cristã, que assinala o início de uma caminhada muito importante para o seu desenvolvimento: despertar para a Fé em Jesus Cristo, ou crescer na Fé em que já foram iniciados.

Grupo do 1.º ano



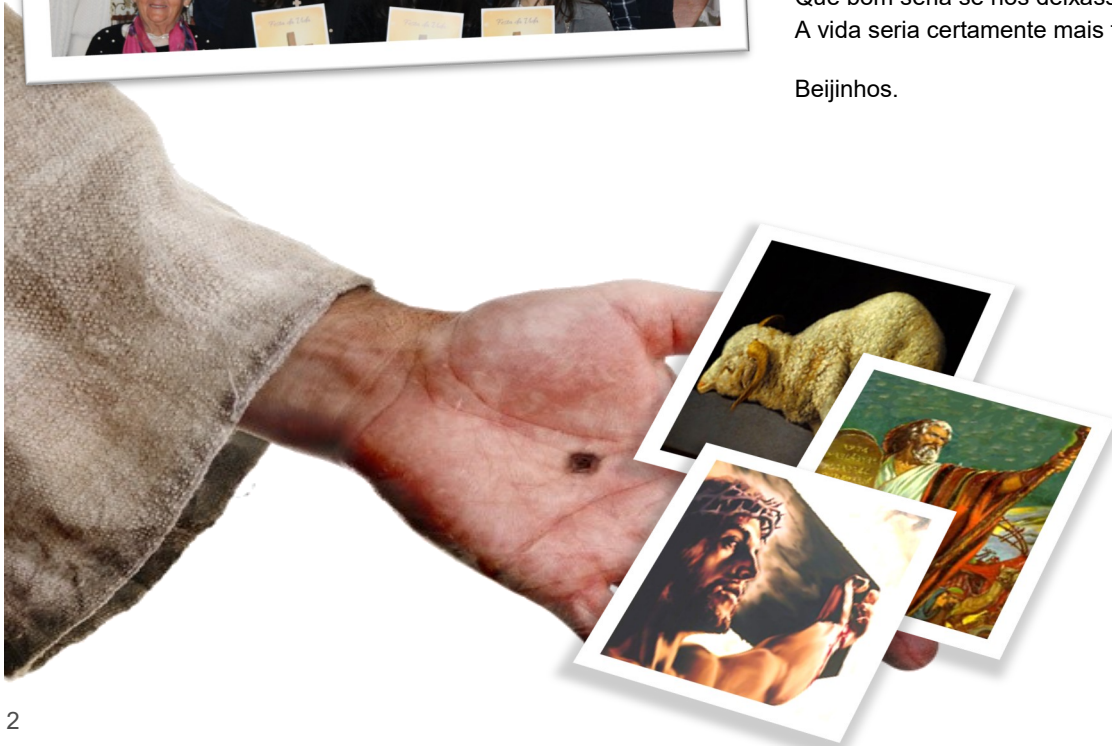
Festa da Vida

No 5.º domingo do Tempo Comum, dia 10 de fevereiro, os adolescentes do 8.º ano celebraram a Eucaristia como Festa da Vida. A cruz que receberam foi mais um passo no compromisso de procurar imitar Jesus.

Que bom seria se todos reconhecêssemos Jesus Vivo no pão da Eucaristia e na comunidade que formamos. Que bom seria se nos deixássemos seduzir por Ele... A vida seria certamente mais festa, mais vida!

Beijinhos.

Grupo do 8.º ano



Festa da Palavra

Celebrou-se no 6.º domingo do Tempo Comum, dia 17 de fevereiro, a Festa da Palavra: a tradicional festa do 4.º ano de catequese, com a entrega da Palavra de Deus: a Bíblia.

Grupo do 4.º ano



Festa da Esperança

No 2.º domingo da quaresma, 17 de março, os meninos e meninas do 5.º ano celebraram a Festa da Esperança. Uma esperança assente em Cristo.

Grupo do 5.º ano



Festa das Bem-Aventuranças

Os adolescentes do 7.º ano tiveram, no passado dia 7 de abril, a sua Festa das Bem-Aventuranças acompanhados pelas catequistas Susel e São. Os nossos parabéns à Carolina, à Joana, à Leonor, à Margarida, ao Rui e aos seus familiares.

Grupo do 7.º ano



A caminho da Páscoa

Como é que se caminha para Jesus? Caminhar para Jesus é aprender a aprender a ter um coração bom e a ser como Ele. Jesus esteve entre nós e mostrou-nos como tratava as pessoas. Curava os doentes, acolhia a todos, mesmo as crianças e os pobres e dizia aos seus amigos que era assim que também deviam fazer. Jesus passou a sua Vida fazendo o bem. Mas algumas pessoas fecharam o coração, não aceitaram o que Jesus dizia, nem o que fazia. Jesus dizia a verdade, fazia milagres e amava a todos. O amor de Jesus era muito forte. Ele amava como Deus seu Pai e nosso Pai.



A última festa da Páscoa que Jesus celebrou com os amigos, foi a Última Ceia. Nessa noite, Jesus lavou os pés aos Apóstolos, como expressão de amor e de serviço. O lava-pés inspira o percurso que os cristãos fazem a Caminho da Páscoa com início na quarta-feira de cinzas, com a imposição das cinzas em sinal de identificação com Jesus.



Foi com este espírito que a equipa dos catequistas do grupo do primeiro ano de catequese iniciou a caminhada Quaresmal em 2019, tendo em conta a faixa etária das crianças e utilizando alguns símbolos. Cinza/Cruz búzio/lupa/coração/pés /imagens/semente de girassol/fita branca e flores. A caminhada que foi sugerida tornou-se sugestiva para a criança e envolveu-a, na medida em que o seu próprio pé estava representado. Para avançar neste caminho com Jesus é necessário atenção e esforço. Estamos marcados com o sinal da Cruz (cinza) que nos impele ao silêncio, sabendo que Jesus está a passar pela nossa vida, caminha ao nosso lado e nos convida à transformação.

À medida que se avança na caminhada vão ficando as imagens e as flores, que dão sentido e beleza ao nosso caminhar para a Páscoa, festa da Vida. O silêncio/oração servem para falar com Jesus e deixar que Ele nos fale... A escutar Jesus nosso amigo, que gosta de nós e nos ajuda a ser amigo dos outros, a pedir desculpa quando fazemos o mal, quando não sabemos partilhar... A bondade que devemos imitar os gestos de Jesus com as pessoas, ajudando-as a serem felizes. O amor que Jesus nos tem, que nos convida a ser amigos de todos a ter um coração bom e deixar que a semente do amor lá cresça.

Jesus não ficou morto para sempre. Voltou à vida, e para uma vida muito melhor. Por isso, o seu corpo deixou de estar no lugar onde tinha sido sepultado. Mas os amigos de Jesus não descobriram logo. Como começaram a descobrir? Maria Madalena ao aproximar-se do túmulo reconheceu o "Mestre". Ao tentar aproximar-se, Jesus mandou que ela fosse dizer aos outros amigos que Ele estava vivo. Ela ficou tão contente que correu para o fazer. Também a nós, crianças e adultos, Jesus nos manda ser seus Discípulos e dizer na família, na escola, na rua, no grupo dos amigos e onde nos encontrarmos, que Ele vive!

ALELUIA! BOA NOVA! JESUS RESSUSCITOU!

Ana, Adérito e Maria de Fátima, Catequistas do grupo do 1.º ano



Grupo Coral da Catequese

Olá a todos! Cá continuamos a acompanhar todas as festas e Missas da Catequese! Permanecemos cheios de alegria, boa disposição e vontade de continuarmos este projeto, com a ajuda de todos, especialmente dos catequizandos. Os **ensaios**, sempre muito animados, decorrem às **6.ªs F às 19:00** no auditório da Igreja. Vem ajudar a comunidade a rezar, cantando connosco!

Informamos também, que muito em breve teremos um site plenamente funcional, com os cânticos das nossas festas, para que possas ir ouvindo e ensaiando, mesmo em casa! Saudações musicais e boa Páscoa!

A equipa do Grupo Coral da Catequese



Igreja da Santíssima Trindade
Covilhã Portugal

Acerca de alguns símbolos da Páscoa

Estamos no Tempo da Páscoa e deparamo-nos com símbolos pascoais, pelo menos alegadamente, um pouco por toda a parte, desde os ovos da Páscoa aos coelhinhos, o cordeiro da Páscoa, o círio pascal, a cor branca dourada...

Porquê todas estas representações? Serão estas realidades apenas de tradição cristã e católica?

A palavra PÁSCOA tem a sua origem na palavra hebraica “*pessach*” – “passagem” que, na religião judaica, significa o fim da escravidão e início da libertação dos hebreus, através de Moisés e a passagem do Mar Vermelho e do deserto, pelos filhos de Israel, até à Terra Prometida.

Para nós cristãos, e dito de uma maneira muito simples, a Páscoa é a morte e ressurreição de Jesus Cristo que nos fez passar da morte à Vida.

Contudo, a simbologia na Páscoa é muito rica e diversa, valendo a pena dar-lhe uma espreitadela.

Ovos da Páscoa

O simbolismo associado ao ovo é um dos mais antigos que se conhecem e está presente em inúmeras culturas e religiões. As lendas são muito variadas acerca do ovo: nas culturas pagãs este marcava o início da vida; na cultura chinesa, por sua vez, estes eram utilizados para efetuar trocas entre amigos, por alturas da primavera, representando a renovação da vida.

Quiçá a mais conhecida seja a lenda persa, em que teria caído um ovo gigante na terra, iniciando assim a vida terrestre e, por isso, os ovos passaram também a ser considerados sagrados. Como acontece com frequência, o cristianismo tomou este símbolo e deu-lhe uma conotação cristã. Para os cristãos, o ovo torna-se um símbolo de Cristo que ressuscita dos mortos e sai do sepulcro, que lembra um ovo: assim como o ovo fecundado, é partido e aberto pelo novo ser que dele sai, assim fez Cristo ao ressuscitar do Sepulcro! O ovo, aparentemente inerte e inanimado, contém vida. Assim se faz do ovo o símbolo da Ressurreição, da Vida Nova inaugurada por Cristo, esperança para todos os seres humanos.

Cordeiro da Páscoa

No cordeiro se reconhece um dos mais antigos símbolos da Páscoa e que simboliza a aliança entre Deus e o povo hebreu, cujos primogénitos foram salvos da morte pelo sangue dos cordeiros com que foram pintadas as suas casas no Egito, durante a páscoa da antiga Lei. Para a religião cristã, o novo cordeiro pascal é o próprio Jesus, em cujo sangue acontece a nova e eterna Aliança. Está inclusive presente na oração preparatória para a comunhão, durante a missa: “Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo...”

Círio Pascal

O Círio Pascal é aquela vela grande que é tradição acender do lume novo, junto à entrada das igrejas, logo no início da Vigília Pascal. Ele nos diz que “Cristo é a luz dos povos”, em alusão à ressurreição de Cristo, Luz que ilumina os nossos caminhos.

Sinos

O sino é um símbolo inerente à Páscoa. Durante o hino do Glória da Vigília da noite santa de sábado aleluia, e no de domingo de Páscoa, é habitual o sino ou campainhas tocarem. Anuncia-se, assim, com alegria a celebração da ressurreição de Cristo.

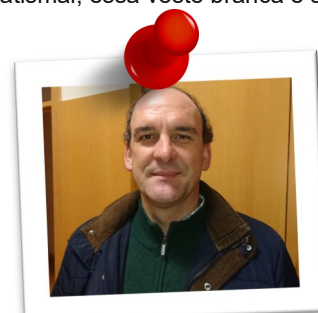
Vestis Brancas

As vestes brancas são símbolo da Festa cristã, porque essa cor faz alusão aos ressuscitados do Apocalipse, de pé diante do trono do Cordeiro imolado, revestidos de túnicas brancas cuja brancura foi alcançada pelo sangue do Cordeiro. Como diz a Liturgia Batismal, essa veste branca é símbolo da dignidade cristã.

Girassol

Embora menos conhecido, o girassol, associado à Páscoa, simboliza a busca incessante da luz do mundo que é Jesus Cristo.

Existem ainda outros símbolos! Vejam-nos na página dos pasatempos.



Vigília Pascal: símbolos e significado

Na noite, em que Jesus Cristo passou da morte à vida, a Igreja convida os seus filhos a reunirem-se em vigília e oração. Na verdade, a Vigília pascal foi sempre considerada a mãe de todas as vigílias e o coração do Ano litúrgico. **A sensibilidade popular poderia pensar que a grande noite fosse a noite de Natal, mas a teologia e a liturgia da Igreja adverte que é a noite da Páscoa, «na qual a Igreja espera em vigília a Ressurreição de Cristo e a celebra nos sacramentos».** No texto do Precónio pascal, que se canta nesta celebração, diz-se que esta noite é «bendita», porque é a «única a ter conhecimento do tempo e da hora em que Cristo ressuscitou do sepulcro! Esta é a noite, da qual está escrito: a noite brilha como o dia e a escuridão é clara como a luz». Por isso, desde o início, a Igreja celebrou a Páscoa anual, solenidade das solenidades, com uma vigília noturna. A celebração da Vigília pascal articula-se em quatro partes: a **liturgia da luz** ou “lucernário”; a **liturgia da Palavra**; a **liturgia batismal**; e a **liturgia eucarística**.



“...a mãe de todas as vigílias e o coração do Ano litúrgico.”

Estes quatro momentos celebrativos têm como fio condutor a unidade do plano de salvação de Deus em favor dos homens, que se realiza plenamente na Páscoa de Cristo por nós. Por consequência, a Ressurreição de Cristo é o fundamento da fé e da esperança da Igreja.

A Vigília na noite santa abre com a liturgia da luz, evocando a ressurreição de Cristo e a peregrinação de Israel guiado pela coluna de fogo. A liturgia salienta a potência da luz, como o símbolo de Cristo Ressuscitado, no círio pascal e nas velas que se acendem do mesmo, na iluminação progressiva das luzes da igreja, ao acender das velas do altar e com as velas acesas na mão para a renovação das promessas batismais. O símbolo mais iluminador é o círio, que deve ser de cera, novo cada ano e relativamente grande, para poder evocar que Cristo é a luz dos povos. Ao acender o círio pascal do lume novo, o sacerdote diz: «A luz de Cristo gloriosamente ressuscitado nos dissipe as trevas do coração e do espírito» e depois apresenta o círio como «a luz de Cristo». Quando alguém nasce, costuma-se dizer que «veio à luz» ou que «a mãe o deu à luz». Podemos, por isso dizer que a Igreja veio à luz na Páscoa de Cristo. De facto, toda a vida da Igreja encontra a sua fonte no mistério da Páscoa de Cristo.

A água na liturgia é, igualmente, um símbolo muito significativo. «A água é rica de mistério» (R. Guardini). Ela é simples, pura, limpa e desinteressada. Símbolo perfeito da vida, que Deus preparou, ao longo dos tempos, para manifestar melhor o sentido do Batismo. A oração da bênção da água faz memória da ação salvífica de Deus na história através da água. Com efeito, a água é benzida, para que o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, «no sacramento do Batismo seja purificado das velhas impurezas e ressuscite homem novo pela água e pelo Espírito Santo». Na tradição eclesial, a fonte batismal é comparada ao seio materno e a Igreja à mãe que dá à luz.

O simbolismo fundamental da celebração litúrgica da Vigília é o de ser uma “noite clara”, ou melhor «a noite que brilha como o dia e a escuridão é clara como a luz». Esta noite inaugura o “Hoje” da liturgia, como se tratasse de um único dia de festa sem ocaso (o dia da celebração festiva da Igreja que se prolonga pela oitava pascal e pelos cinquenta dias do Tempo pascal), no qual se diz «eis o dia que fez o Senhor, nele exultemos e nos alegremos» (SI 118).

*D. José Cordeiro, Bispo de Bragança-Miranda
(Agência Ecclesia, texto adaptado)*

Eu, de Cirene

Todo o percurso de Jesus desde o Jardim das Oliveiras, até à sua Ressurreição é imensamente rico em aspetos teológicos e humanos. Este ano centrámos a nossa atenção ao percurso que Jesus fez até à cruz, derradeiro deserto para o Messias (a *via dolorosa*), particularmente na figura de Simão de Cirene.

Simão de Cirene foi, de acordo com os Evangelhos sinópticos, um homem que foi obrigado pelos soldados romanos a carregar a cruz de Jesus Cristo até ao Gólgota, o local onde Jesus foi crucificado. Era pai de Alexandre e Rufo (Marcos 15:21) e levou a cruz por ordem dos soldados romanos (Mateus 27:32) até o lugar chamado “Gólgota” (Mateus 27:33 e Marcos 15:22) que hoje muitos chamam de “Calvário”.

O nome “cireneu” não é um sobrenome, mas uma indicação de seu lugar de origem, a cidade de Cirene. Portanto, a forma “Simão cireneu” é a mesma que “Simão de Cirene”. Cirene era uma cidade que ficava localizada no norte da África. Ela estava situada na metade do caminho entre Alexandria e Cartago, numa planície a cerca de dezasseis quilómetros do mar Mediterrâneo. Atualmente essa região fica na Líbia, a oeste do Egito. A maioria dos estudiosos sugerem que Simão cireneu era um judeu, obviamente de Cirene, que teria ido a Jerusalém por ocasião da festividade da Páscoa. Nessa época era o costume de muitos judeus, que viviam fora de Jerusalém, partirem para lá. Além disso, em Jerusalém havia uma sinagoga dos cireneus.

Na manhã da sexta-feira em que Jesus foi crucificado, Simão cireneu retornaria à cidade de Jerusalém vindo do campo. Naquela época era usual que os condenados carregassem a sua própria cruz até o local em que seriam crucificados. Com Jesus não foi diferente e Ele teve de carregar sua própria cruz e Jesus ainda conseguiu carregá-la alguma distância. Contudo, quando finalmente as suas forças físicas se esgotaram, os soldados obrigaram Simão cireneu a carregar a cruz de Jesus o resto do caminho. Pela forma com que o relato deste acontecimento é construído, parece que Simão fez o que tinha que fazer, mas com grande relutância...E, todavia, o evangelista Marcos nomeia-o, e juntamente com ele também os seus filhos, que evidentemente eram conhecidos como cristãos (Mc 15, 21), significando a sua conversão.

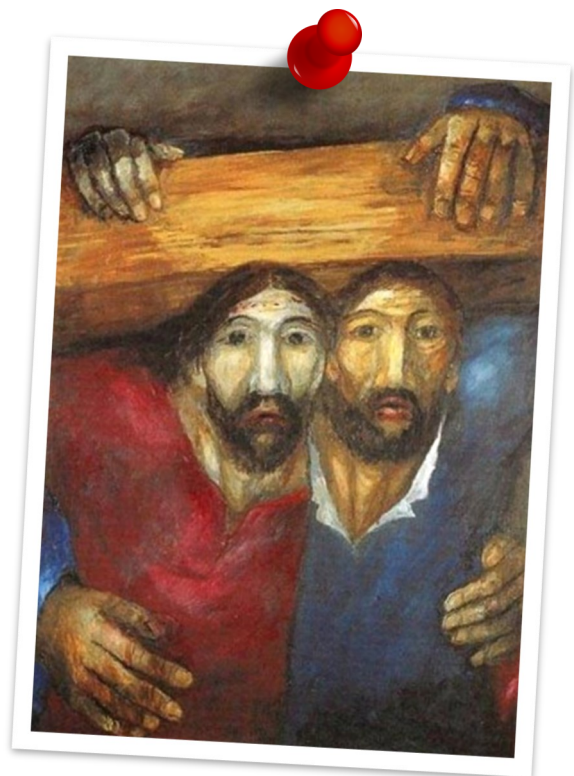
Do encontro involuntário, brotou a fé, tocado pelo sacrifício de Jesus. Acompanhando Jesus e compartilhando o peso da cruz, Simão compreendeu que era uma graça poder caminhar juntamente com Jesus e assisti-Lo.

Jesus, o Filho de Deus, atravessa esta derradeira etapa sozinho... Um dos discípulos trai-O... Outro renega-O... O predileto não consegue chegar até Ele... A mãe está impotente para ajudar... O povo que há pouco o aclamava, agora desdenha-O... No sofrimento de Jesus, alguém é forçado a ajudar. Contrariado, relutante e forçado pelo fio da espada, Simão cruza o seu caminho com o de Jesus. A única ajuda de Jesus, o único alívio, veio de um estranho... Nem da mãe, nem de amigos, nem de discípulos ou de meros simpatizantes, mas de um estranho... E Jesus aceita-a e permite-lhe ajudá-Lo. Aceita a sua condição humana e não o afasta. Aceita a ajuda de Simão para concretizar a vontade do Pai. E Simão permite a Jesus chegar ao fim, à meta. Em seu poder, Deus, implica sempre o Homem na Salvação: Maria e José no início e Simão, agora, no fim.

Simão indica-nos que nunca é tarde para nos cruzarmos com Jesus Cristo, e ajudá-Lo na Sua missão. Que estamos sempre a tempo de nos deixarmos comover com Ele e com isso promover a nossa transformação. Para olharmos para os outros como se olhássemos para Jesus, que recebe e abençoa a nossa ajuda para executar o desígnio do Pai.

Pessoas entram e saem das nossas vidas. Muitas delas entram pelas coisas boas, mas poucas ficam nas más. Não sabemos quem entrará nas nossas vidas. Mas nem sempre as que entraram há mais tempo têm que ser as mais determinantes, ou aquelas que nos darão o alento necessário.

Existe também o risco de que sejamos orgulhosos e não deixemos entrar os “cineus” na nossa vida. Cada um tem uma escolha a fazer em cada dia: podemos ser o “Cireneu” que só age quando a isso forçado (ou nem assim...), ou o “Cireneu” que se voluntaria a ajudar, quando percebe que a ocasião para isso surge e a competência para o fazer existe. Para ajudar aqueles (estranhos ou não) com quem a nossa vida se cruza e que, por isso, se tornam o nosso próximo, mas também para deixar ser ajudado por aqueles (estranhos ou não) com quem a nossa vida se cruza e que, por isso, nos tornam o seu próximo..



No dia do pai: instruções precisam-se!

Às vezes pergunto-me se, à nascença dos nossos filhos, não se terão esquecido de nos dar o manual de instruções que os deveria acompanhar (a sério não estava lá mesmo um livrito envolto em celofane?).

À preocupação de não saber que tipo de pessoas virão a ser os nossos filhos e ao papel que nos cabe desempenhar para procurar que eles sejam a melhor pessoa possível, percebi no passado dia do pai, pela Palavra do próprio Jesus (e não resultante de uma consulta nalgum pedopsiquiatra ou num livro de autoajuda), a fonte e a resposta a estas inquietações.

Já vi várias reflexões sobre o papel de José no desenrolar da missão de Jesus e na importância da figura do pai na infância dos nossos filhos (não diminuindo de maneira alguma o da mãe), mas foi na parábola do filho pródigo que percebi que talvez tenha andado, este tempo todo, a ver o assunto de uma perspetiva errada...

Talvez não caiba aos pais adivinhar o tipo de pessoas que serão os nossos filhos, pois a seu tempo isso se revelará (também nas palavras de Jesus “Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia o seu problema.” Mt 6:34). Provavelmente bastará plantar-lhes sempre no seu coração amor, generosidade e educação e isso será o manual de instruções suficiente.

Fazê-lo parece-me a parte mais fácil. A mais difícil vem a seguir: confiar que essas sementes foram as melhores e esperar que germinem e frutifiquem um dia. É neste futuro hipotético que os nossos filhos ganharão consciência própria, independência e farão escolhas... Prevejo que nem todas serão como os pais gostariam. Prevejo que irão achar algumas erradas. Prevejo até tentativas para impedir outras, mas prevejo também que, em algum momento, os nossos filhos abrirão asas e partirão donos do seu destino. Nesse momento coloca-se, a nós pais, uma escolha entre duas opções: o sermos pais, que não concordando com as escolhas do filho, “cortam” com ele; ou pais que “calam” as preocupações e dão o espaço que os nossos filhos precisam (mesmo na angústia de eles se poderem magoar). Ao fim e ao cabo, a mesma escolha que o pai da parábola do filho pródigo teve de fazer.

Esse pai optou pela segunda via (a da angústia), pois mesmo discordando internamente da opção do seu filho, respeitou-a. Deixa-o partir, ficando na esperança de que as sementes que lhe plantara no coração, o conduzam por bons caminhos e, quem sabe, algum dia o façam regressar...

O filho, esse partiu de coração mais ligeiro, pois o pai não o reprimiu (“o pai foi porreiro”) e tomou para si a responsabilidade pela sua vida (provavelmente mesmo sem saber a 100% o que isso implicava) e, talvez sem se aperceber, em vez de conduzir foi conduzido pela sedução do mundano imediato, que o leva à pobreza e à fome, literal e espiritualmente, concretizando os maiores receios do pai.

Contudo, é nas dificuldades da vida do filho que, inusitadamente, as sementes plantadas pelo pai começam a germinar... No sofrimento, o filho sente o arrependimento e talvez até compreenda então algum conselho sobre os caminhos da vida, dado pelo pai antes de partir (“oh pai eu já sei!”), após os sentir na pele (pois, nem sempre, saber implica sentir...). Mas a atitude do pai revela-se agora. Ele nunca lhe fechou a porta, nunca o desrespeitou e no sofrimento o filho lembra-se do pai. O pai volta a ser um caminho, a quem no seu orgulho caído pode voltar.

E o pai? Esse espera, esse angustia-se, esse interroga-se como estará essa parte de si, até que vê ao longe. E porque nunca lhe fechou a porta, não tem porta para abrir e, sem perder tempo com ela, sai e corre a abraçá-lo cheio alegria. E não há recriminações, mesmo perante uma desculpa do filho que a entende devida. Há apenas amor.

Sabemos que Jesus nos diz que aquele pai é o próprio Deus e que afinal a personagem principal da parábola nunca foi o filho, mas sempre o Pai. O Pai que aconselha, mas respeita. Que podendo não aprovar, respeita. E espera... Espera pelo de que de melhor sabe estar plantado no seu filho, até ao momento em que se revela e então apenas há espaço para o amor incondicional.

Gostaria que conseguíssemos (eu e todos) ser um pai assim. Angustiados, se tiver de ser. Mas sempre de porta aberta...



A importância do perdão

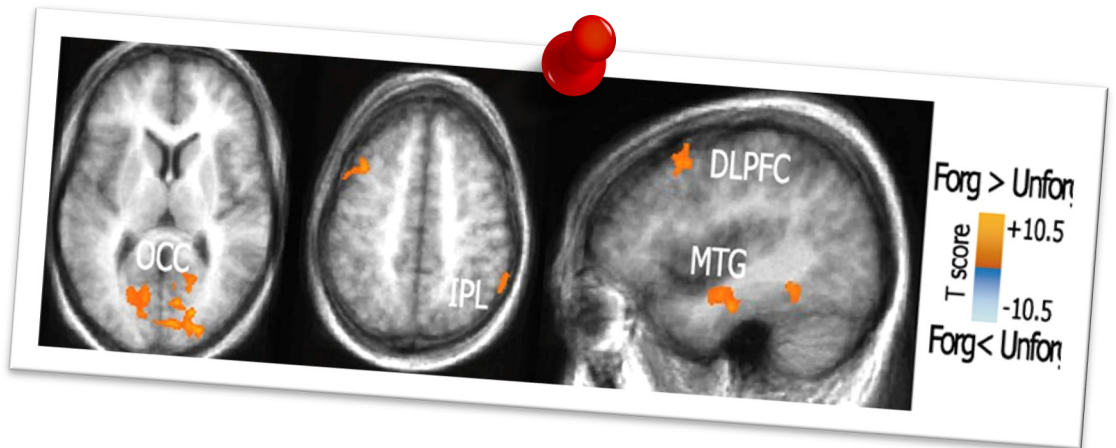
Geralmente, a perda de um ente querido faz com que reflitamos sobre a nossa vida. Mas há outros momentos que também nos fazem repensar em várias situações que ocorreram e quaresma e a Páscoa são momentos de excelência para isso.

É comum pensarmos nos nossos erros, nas relações que construímos ou que se romperam. Algumas pessoas ressentem-se e guardam mágoas durante anos, impedindo a sua própria vida de seguir em frente. Muitas vezes, a pessoa que nos magoou já seguiu a sua vida e já nem se relaciona mais conosco. Por vezes, nem sabe que nos magoou, porque não foi intencional. E nós ficamos parados naquele momento, remoendo-o. A vingança, a vontade de não perdoar, faz com que as pessoas se comprometam com o sofrimento.

O perdão é importante porque envolve o amor. Fala-se frequentemente da importância do perdão para a pessoa ser feliz. Quem não perdoa, enfraquece a sua capacidade de amar. E é importante porque é libertador; liberta-nos de mágoas do passado. O perdão cura feridas espirituais e enche-nos da paz e do amor que só Deus nos pode conceder. Mas para perdoar os outros, em primeiro lugar precisamos perdoar a nós mesmos.

Como reage o cérebro quando perdoamos?

A neurociência, atualmente, tem explicado muitos “mistérios” até agora desconhecidos sobre nós mesmos. Descobriu-se que, quando as células nervosas ficam doentes, geram consequências físicas no nosso corpo, algo que a falta de perdão pode provocar. Segundo um estudo feito na Itália, ao qual se refere uma das neurologistas envolvidas, “O perdão ocorre quando a ativação do *córtex pré-frontal dorsomedial*, que regula o nosso comportamento emocional, é comandada por duas estruturas que nos permitem adotar o ponto de vista do agressor e reavaliar o estado emocional deste: o *precuneus* e o *lobo parietal inferior*, respetivamente”. Quando isso acontece entra em ação a empatia, que faz com que se tenha uma nova interpretação dos fatos, evitando assim a retaliação, então o nosso estado emocional torna-se positivo e as hormonas do stress desaparecem, favorecendo o bem-estar e a saúde.



Então o que é perdoar?

Perdoar é realmente um ato de amor, é assumir a responsabilidade sobre os próprios atos e desejos, é perceber-se na dimensão do humano e como tal entender a sua significância. Perdoar é amadurecer emocionalmente, é aprender que somos falíveis e imperfeitos, tal qual o outro com quem nos relacionamos e essa é a genialidade do ser humano. Não existem os “certos” e os “errados”, existe o olhar a partir de um ponto de vista e cada um tem o seu, portanto não existe “a verdade absoluta”, existem verdades e realidades diferentes. O perdão nada mais é do que cessar o sentimento de ressentimento ou raiva contra outra pessoa ou contra si próprio. O perdão exige um trabalho espiritual e mental, tem que vir do coração, tem que ser uma atitude sincera, generosa e não ferir o amor-próprio do ofensor. O perdão verdadeiro mostra-se pelos atos e não pelas palavras.

Um exemplo de perdão – perdoar os pais

Há filhos que guardam mágoas por toda a vida e atribuem a sua infelicidade aos seus pais. É importante saber perdoar os pais. Eles não são perfeitos e cometem erros, como todos nós. Olha para o lado bom dos teus pais, as coisas boas que eles te fizeram e proporcionaram. Se não tiveste uma relação afetiva com os teus pais, perdoá-los também por eles não terem sabido ser melhores. Os teus pais foram essenciais para o dom mais maravilhoso que tens – a vida!

Manuela Ramos, Catequista

Oração

Senhor, Perdão por fraquejar quando deveria ser forte.

Perdão por chorar quando deveria sorrir.

Perdão por precisar de um abraço e esquecer-me do Teu.

Perdão por pedir muito e agradecer pouco.

E perdão, acima de tudo, por ter olhado para todos os lados quando precisei de alguém, esquecendo-me que Tu, Senhor, estás sempre comigo.



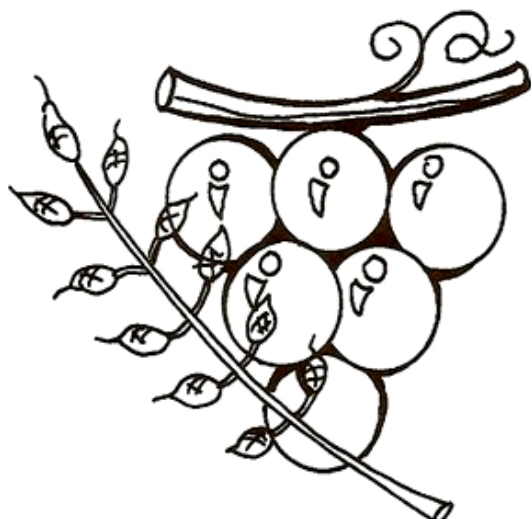


Pinta e aprende

OS SÍMBOLOS DA PÁSCOA E SEUS SIGNIFICADOS

A Vela

Representa o Cristo Ressuscitado que deixa o túmulo, radioso e vitorioso. Na vela pascal, ficam gravadas as letras Alfa e Ômega, significando Deus é princípio e fim. Os algarismos do ano também ficam gravados no círio pascal. Nas casas cristãs, é comum o uso da vela no centro da mesa no almoço de Páscoa.

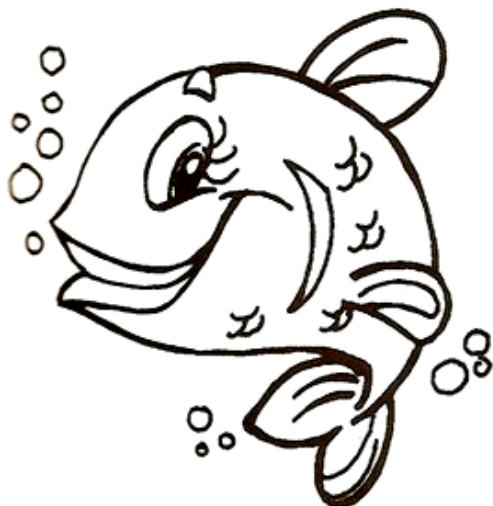
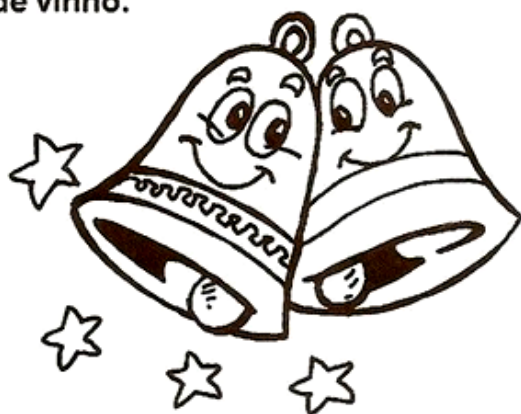


Trigo e Uva

Simbolizam o pão e o vinho da Santa Missa e, por seu grande significado com a Trindade Santa, traduzem por excelência o símbolo Pascal. Para a ornamentação da mesa de Páscoa, nada mais indicado que um centro feito com uvas e trigo, entre cestas de pães e jarros de vinho.

Os Sinos

Cantam a alegria da Ressurreição expressa nos cânticos de Aleluia. Tocando festivo, anunciando novos tempos, alma nova nas criaturas.



Peixe

O peixe é o mais antigo dos símbolos de Cristo. Se Cristo é o Grande Peixe, somos os peixinhos de Cristo. Isso quer dizer que devemos sempre viver mergulhados na Graça de Cristo e na Vida Divina, trazidas a nós pela água do Batismo, momento em que nascemos espiritualmente, como os peixinhos nascem dentro d' água.

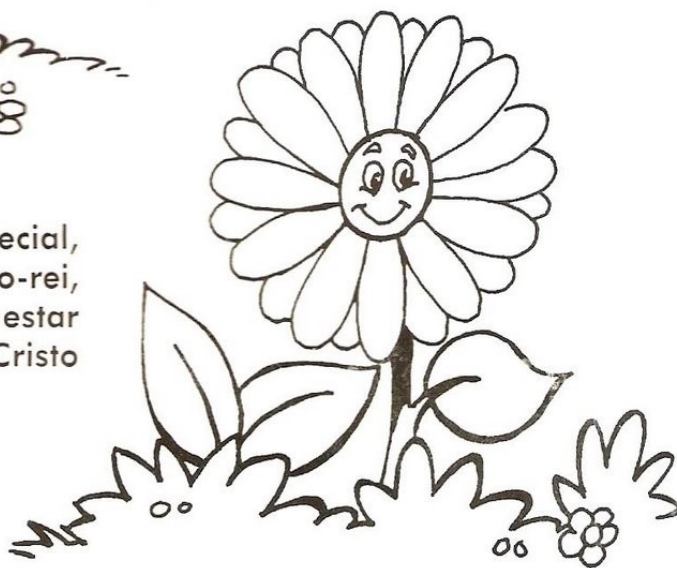


● Cordeirinho

Na Páscoa da antiga Lei, era sacrificado um cordeirinho. No Novo Testamento, a vítima pascal é Jesus Cristo, chamado o Cordeiro Pascal.

● Girassol

O girassol tem um simbolismo especial, pois está sempre voltado para o Sol, astro-rei, assim como nossas almas, que devem estar viradas para o Divino – Sol, ou seja, Cristo Ressuscitou.

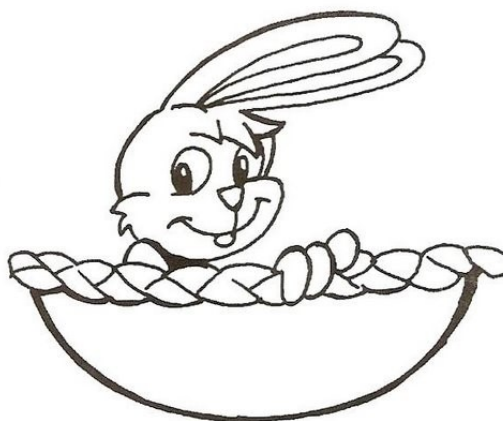


● OS OVOS

O ovo, aparentemente morto, é o símbolo da vida que surge repentinamente, destruindo as paredes externas e irrompendo com vida. Simboliza a Ressurreição.

● Coelho

Símbolo da rápida e múltipla fecundidade da própria instituição, que está espalhada por toda a parte, reproduzindo fiéis: há um número incalculável de filhos de Deus, frutos da graça da Ressurreição.





“Que o Senhor não nos encontre frios e indiferentes”

O Papa denunciou, na sua mensagem de Páscoa, a indiferença de quem ignora os conflitos e injustiças que afetam milhões de pessoas em todo o mundo, pedindo o fim dos “muros”. “Perante tantos sofrimentos do nosso tempo, que o Senhor da vida não nos encontre frios e indiferentes. Faça de nós construtores de pontes, não de muros”, disse, desde a varanda central da Basílica de São Pedro.

A intervenção, seguida em dezenas de países através dos meios de Comunicação Social, aludiu às necessidades de muitos seres humanos, “dos indefesos, dos pobres, dos desempregados, dos marginalizados, de quem bate à porta à procura de pão, de um refúgio e do reconhecimento da sua dignidade”.

A mensagem de Páscoa passou em revista alguns dos atuais conflitos que afetam populações de vários continentes, como no Sudão, a atravessar um momento de incerteza política. “Desejo que todas as instâncias possam encontrar voz e que cada um trabalhe para consentir ao país de encontrar a liberdade, o desenvolvimento e o bem-estar que há tanto tempo aspira”, disse o Papa. Francisco recordou ainda a situação no vizinho Sudão do Sul, com cujos responsáveis se encontrou recentemente no Vaticano, com uma mensagem pelo bem comum e a reconciliação: “Que se possa abrir uma nova página da história do país, na qual todos os elementos políticos, sociais e religiosos se empenhem ativamente”.

Antes da bênção ‘Urbi et Orbi’ (à cidade [de Roma] e ao mundo), Francisco evocou a crise na Venezuela e a sua população “privada das condições mínimas para levar uma vida digna e segura, por causa de uma crise que perdura e que se aprofunda”. Que o Senhor conceda a todos os que têm responsabilidades políticas o desejo de trabalhar para pôr fim às injustiças sociais, aos abusos e às violências, e de dar passos concretos que consintam curar as divisões e oferecer à população as ajudas de que necessita”.

Francisco apelou à paz e ao fim das crises humanas na Síria, desejando “o regresso seguro dos refugiados, sobretudo dos que se refugiaram nos países limítrofes, especialmente no Líbano e na Jordânia”. As crises no Médio Oriente, em particular o conflito israelo-palestino, no Líbano, na Líbia na Nicarágua e na Ucrânia também estiveram entre as preocupações manifestadas pelo pontífice. O Papa falou das “tensões sociais, conflitos e violentos extremismos” que atingem vários países em África: Burquina Faso, Mali, Níger, Nigéria e Camarões.

Francisco rezou para que Deus “inspire os líderes das nações a trabalhar para pôr fim à corrida aos armamentos e à preocupante difusão das armas, em especial nos países economicamente avançados”. A mensagem apresentou a Ressurreição de Cristo como “princípio de vida nova para cada homem e mulher, porque a verdadeira renovação parte sempre do coração, da consciência”. A Páscoa é também o início do mundo novo, libertado da escravidão do pecado e da morte: o mundo finalmente aberto ao Reino de Deus, Reino de amor, de paz e de fraternidade”.

“Caros irmãos e irmãs, Cristo Vive! Ele é esperança e juventude para cada um de nós e para o mundo inteiro. Deixemo-nos renovar por Ele! Feliz Páscoa”, concluiu.

*Homilia proferida no domingo de Páscoa,
cidade do Vaticano, Praça de S. Pedro,
21/04/2019*



Contacte-nos

Para obter mais informações sobre as atividades da nossa Comunidade pode utilizar:

Igreja da Santíssima Trindade
Paróquia de Santa Maria
R. Conde da Ericeira,
6200-086 Covilhã

(+351) 275 098 215

ig.sant.trindade@gmail.com

Ou pessoalmente na
Secretaria da Igreja

Agradecemos às seguintes entidades a sua ajuda nesta edição:



Mediação Profissional de Seguros

Os seguros são caros? Venha fazer contas connosco!

✉ segurantunes@gmail.com
☎ 275 315 403

Rua Bombeiros Voluntários, 111
6200-063 Covilhã

